

Acontecimento do dizer no cartel, um clarão?!

MARISA RENNA DE VITTA

*“...o que será que será, que está na natureza...será
que será...por que todos os sinos irão repicar...”*

Chico Buarque de Holanda

Neste escrito, trabalho o acontecimento do dizer a partir da lógica de funcionamento do Cartel, orientada pelo segundo ensino de Lacan, que marca a dimensão real do inconsciente. Para Laurent, “o significante novo permite elevar o dizer à altura de um acontecimento, como o sintoma”. (LAURENT, 2020, p.184)

notem que eu não disse a fala, eu disse o dizer, nem toda fala é um dizer, se o fosse, toda fala seria um acontecimento, o que não é o caso, pois, se o fosse, falas vãs não seriam faladas. Um dizer é da ordem do acontecimento. (LACAN, 1973-1974, sessão de 18/12/1973)

E por que o Cartel é um espaço propício ao acontecimento do dizer? Diferentemente do grupo, que visa um trabalho em torno de uma causa comum e igual para todos, constituído pelo discurso do mestre fenômenos imaginários, no Cartel os sujeitos trabalham a partir da sua radical diferença, a partir da solidão de cada um, não sem alguns outros, e não sem um Outro – o Outro da linguagem. É o dizer, com o brilho dos significantes da história de cada sujeito, que ilumina e bordeia a elaboração e a produção em torno do tema de pesquisa, sempre único e singular. No Cartel, ao falarmos, algo da surpresa acontece! Ali onde não há nada previsto, esperado ou sabido, acontece um dizer! O vivo da enunciação faz ressonância a partir da letra de cada um, abrindo um campo novo de elaborações... Perguntas nascem e fertilizam-se, as subjetividades marcam a vivacidade do trabalho com seu ponto inédito. O efeito desse encontro com o inédito produz uma quebra no discurso que faz surgir uma opacidade! É com essa dimensão opaca no saber que nos reinventamos e avançamos... Miller no capítulo Causalidade e Liberdade, ao trabalhar a técnica analítica, pontua:

quando nos afastamos deste registro de operabilidade para apontar para uma dimensão que não é, que é apresentada como opaca – embora a técnica seja apresentada como clara – o mistério sobre a psicanálise tem chances de “desentrañarse”. (MILLER, 2019, p.12-13)

Desentrañarse, em espanhol, significa desentranhar, fazer sair das entranhas, do ventre materno, parir. O que pode ser desentranhado numa experiência de Cartel, na literalidade da palavra parir, deixar de ser par, para ir...separar-se de seja lá o que for para ir a algum outro e novo lugar. Para então decolar..., segundo Lacan, em seu texto D’ecolage³.

Este trabalho implica suportar um impossível, ali onde nenhuma luz de sentido se inscreve mais. É nesse encontro opaco com o impossível que um ponto da significação se solta, bem como o gozo contido nela.

O vazio como efeito dessa experiência, é o lugar que o trabalho de Cartel ajuda borderar, borderar o que acontece ali numa nova superfície – a superfície de um novo significante em que o gozo pode ser vivido como o gozo feminino, um gozo não-todo, distinto do gozo fálico.

Laurent distingue a visada do uso do significante na poesia da visada do uso do significante a partir da ética da psicanálise:

“O uso que o psicanalista faz da metáfora e da metonímia não tem, entretanto, a mesma visada pela qual o poeta visa o efeito estético, que libera um mais de gozar que lhe é próprio. O psicanalista, como no chiste, deve visar à ética, isto é, ao gozo. (LAURENT, 2020, p. 184)

E acrescenta: “Esse novo uso nessa nova visada define bem então o significante em um uso novo, e até a possibilidade de produção de um significante novo, sob medida”. (LAURENT, 2020, p. 184)

Tal possibilidade se fundamenta na mudança de perspectiva trazida por Lacan: “Por que não se inventaria um significante novo? Nossos significantes são sempre recebidos. Um significante que, como o Real, não teria nenhuma espécie de sentido. A gente não sabe, isso talvez fosse fecundo. Talvez fosse fecundo, talvez isso fosse um meio, um meio, de todo modo, de sideração”. (LACAN *apud* LAURENT, 2020, p.184)

Podemos pensar em significantes novos como significantes de sideração? Com efeitos de natureza sideral? Lacan no Seminário 18, a partir da escrita chinesa, afirma:

“...o significante pulula por toda parte na natureza. Eu lhes falei de estrelas, de constelações, para ser mais exato, já que existem estrelas e estrelas. Durante séculos aliás o céu foi isso – o primeiro traço, aquele que ficava no alto, que era importante”. (LACAN, 1971/2009, p.48)

Podemos pensar o acontecimento do dizer como um significante novo que marca o corpo, assim como estrelas marcam o céu? Em sua dimensão misteriosa e real de sua matéria, de sua temporalidade e espaço. Que emite uma luz, um brilho, um clarão?!

Revisão de Português: Cecília Lana

BIBLIOGRAFIA:

LACAN, J., *Decolage o despegue de Escuela*. Disponível em:

https://www.wapol.org/es/las_escuelas/TemplateArticulo.asp?intTipoPagina=4&intEdicion=1&intIdiomaPublicacion=1&intArticulo=159&intIdiomaArticulo=1&intPublicacion=10.

LACAN, J. (1971) O Seminário, Livro 18: **De um discurso que não fosse semblante**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

LACAN, J. (1973-1974). **O Seminário, Livro XXI: Os não tolos erram**. Lição de 18 de dezembro de 1973. Inédito.

LACAN, J. (1976-1977) **Le séminaire, livre XXIV: L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre**. Séances 19 avril et 17 mai 1977. Inédit.

LAURENT, É. “A Interpretação: da verdade ao acontecimento”. In: *Curinga*, no. 50, 2020, p 168-188.

MILLER, J-A. “Causalidad e Libertad”. In: **Causa y consentimiento. Los cursos psicoanalíticos de Jacques -Alain Miller**. 1a. ed. –Buenos Aires: Paidós, 2019.